

APÓS MOLDAR O BONECO DE BARRO,
DEUS LAVOU AS MÃOS?

Tem gente, inclusive adulta, ainda pensando que aquelas narrações do começo da Bíblia foram escritas para contar como Deus criou exatamente o mundo em sete dias; como Deus transformou em gente um boneco de barro; como, em determinado dia de determinado mês de determinado ano, há muito, Deus expulsou o homem pecador de determinada fazenda, chamada Paraíso. A coisa não é bem assim. O que a Bíblia quer é explicar a presença do mal, num mundo feito por Deus. Vejamos como Mesters explica isso, em seu livro *Abraão e Sara: POR QUE A BÍBLIA CONTA A HISTÓRIA DA MALDIÇÃO?*

“A história da maldição é muito antiga. Tem muito mais de três mil anos. Os pais a contavam para os filhos, os avós para os netos. A memória do povo não a deixava cair no esquecimento. Mas ela foi escrita na Bíblia só depois do grande desastre do povo, no ano 587 antes do nascimento de Jesus.

Este desastre foi assim: Jerusalém, a capital, foi destruída. Muita gente foi assassinada, gente boa e inocente. Morreram, porque o Caim de sempre os matou! Alguns, para escapar do desastre, usavam Deus em proveito próprio, sem se preocupar com a justiça e a fraternidade. Mas, em vez de salvação, provocaram o Dilúvio da destruição!

O pequeno resto que sobrou do povo foi levado para o cativeiro, onde vivia como

um povo escravo, sem liberdade, à sombra da grande *Torre de Babel*, lá mesmo na Mesopotâmia, a terra de onde Abraão tinha emigrado. E na raiz de todos estes males estava o pecado de *Adão*: o afastamento de Deus (cf. Is 43,25-28). Nesta situação de desespero, o povo se lamentava e dizia: “Deus me fez morar nas *trevas*, como um defunto enterrado há muito tempo! As *águas* me cobriram a cabeça e eu gritei: “Estou perdido!” (Lm 4,6.54). O povo parecia uma dessas plantas secas do sertão, toco de raiz enterrado num chão deserto (cf. Is 53,2).

Assim, o que sobrou do povo foi uma situação de *trevas*, *águas* e *deserto*. Parecia o fim! O povo dizia: “Estou no fim das minhas forças! Acabou-se a minha esperança que vinha de Deus! Não vejo mais nenhuma saída!” (cf. Lm 3,18.7).

Ora, a história da maldição foi escrita na Bíblia, precisamente, para servir de espelho ao povo, lá no cativeiro. Era para ele encontrar aí dentro as coisas que estavam acontecendo com ele na vida. Assim, esta história o ajudava a entender sua situação e a descobrir a causa de seus males. Ele não podia ficar no desânimo. Tinha que começar a reagir. Mas como? Como enfrentar este desespero e criar nova esperança? É aqui que entra a história de Abraão!”

CARTAS DOS LEITORES

• “Alguns leigos conscientes estão dispostos a carregar o jornalzinho *A Folha* como instrumento de reflexão (...). As reuniões renderam bastante. Tudo o que *A Folha* salienta, estamos fazendo a tentativa de confrontar com a nossa realidade. (...) Por isso gostaríamos de aumentar o número de 5 para 100 exemplares (...). Espero que o preço seja módico, porque nossa paróquia é bem fraquinha, na periferia (...) (Fortaleza).

• “Mais uma vez nossos agradecimentos pelo bom trabalho prestado ao Povo de Deus com *A Folha*” (Divinópolis, MG).

• “Não sei se o novo responsável vai optar pela mesma linha (de *A Folha*). Eu acho que seria ótimo. Já lhe apresentei, mas não se pronunciou a respeito de aceitar ou não” (São Paulo).

• “Estou grandemente interessado em adquirir *A Folha*, para uso de nossa comunidade paroquial, tanto para a Liturgia como para as reflexões das Comunidades Eclesiais de Base. Gostei muito da apresentação da Liturgia e das reflexões das outras páginas com tanto conteúdo, para fazer o povo refletir e *acordar*” (Itajaí).

• “Na oportunidade, em nome dos outros sete casais (Equipes de N. Senhora)

quero parabenizá-los por trabalho tão profícuo do jornalzinho dominical (*A Folha*) que está cada vez mais contundente e profundo” (Juiz de Fora).

• “Devido à minha ausência no estabelecimento, o meu substituto decidiu cortar a assinatura d'*A Folha*. Agora, por oportunidade, desejo receber um exemplar, com o qual pretendo trabalhar em duas paróquias pobres de minha cidade” (Juiz de Fora).

• “Queremos primeiro parabenizá-los pelo trabalho que realizam através de *A Folha*, pois nos ajuda a refletir seriamente sobre nossa tarefa cristã” (Apucarana, PR).

• “Solicito que me sejam enviados números atrasados do referido jornal (*A Folha*). A leitura desse jornal muito me tem edificado” (Niterói).

• “É inútil dizer-lhes que *A Folha* é a melhor publicação litúrgica pelo conteúdo e forma. As partes ‘sentido da missa’ e ‘mensagem cara à vida’ complementaram bem. Estão ótimas (...) Nós aqui usamos *A Folha* numa missa que fazemos com um grupo na segunda-feira que depois se responsabiliza na elaboração da liturgia do domingo” (Antônio Prado, RS).

IMAGEM DE UM
TRISTE DESMAIO

1. Zé Caetano deixa o lar pelas 4 da manhã. Às 4,45, sem dar qualquer atenção pra Aurora de dedos rosa, lá está seu Zé Caetano, marmita magra ao lado magro, sentado ao volante, pra dar mais um dia de trabalho escravo. Ah, pobre Zé Caetano que lutas e labutas dias de dez horas esticados pra doze, catorze, dezenas, como é que sobrevives a tanta exploração? Zé Caetano, gente boa, massacrado pela vida, sorri sorriso de mágoa, mais chorar que falar: Se não fosse o coração, bem que dava pra levar.

2. Tu agüentas, Zé Caetano? Eu agüento, meu patrão, e depois não dá mais pé eu mudar de profissão. Também o gerente é bom e só me pede horas extras quando não tem jeito não. A crise da gasolina... o carro custa uma mina... Zé Caetano parte e arranca. Arranca sob tensão. Tensão da noite mal dormida. Tensão da estafa mascarada. Tensão da vida engarrafada. Tensão da morte pressentida. Tu não chegas, Zé Caetano? Chegar mesmo nunca chego. E depois o bom da vida é movimento e chamego.

3. Pausa. Almoço. Quanto tempo? O gerente avança e fala: o tempo que manda a lei. Zé Caetano escuta e cala: aqui dentro manda o rei. Zé Caetano corre e come o que trouxe na marmita: feijão preto, arroz e fome. Pressa! o despachante grita. Recomeça a luta fria, mais seis horas de tensão. Na frente da Academia sente dor no coração. Desmaia. O ônibus bate num poste que cai à toa sobre carros sem que mate nem fira qualquer pessoa. Zé Caetano alegre chora: Eu não matei nem feri. Mas num mundo que me explora, alguém morreu — eu morri. (A. H.).

6º DOMINGO DO TEMPO COMUM (17-02-1980)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.
Cantos: MISSA DA PAZ, Ir. Miria Kolling, Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

 *Tua família aqui reunida / vem hoje pedir-te, Senhor, / a paz que nos vem de tua vida / e é fruto do teu amor.*

1. Quando o ódio, a vingança, o rancor / vierem nos destruir / nós queremos ser em tuas mãos / instrumentos do teu amor.

2. Quando a treva que ao erro conduz / cegar muitos corações / nós queremos ser em tuas mãos / instrumentos da tua luz.

3. Quando a ofensa e discórdia enfim / romperem a união / nós queremos ser em tuas mãos / instrumentos do teu perdão.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. P. Amém.

S. Irmãos, graça e paz a todos vocês, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, que se entregou por nossos pecados, a fim de nos livrar da presente era de maldade, segundo a vontade de Deus nosso Pai.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. Moisés recebeu as tábuas da Lei no Monte Sinai. Também sobre um monte, Jesus pronunciou as bem-aventuranças, que são a Lei dos cristãos. A Lei de Moisés são mandamentos e proibições. A Lei de Jesus é caminho novo, para se ir ao encontro do Pai, já nesta terra. Moisés prometeu a Terra Prometida, Jesus promete o Reino de Deus. Os privilegiados do Reino de Deus são os pobres, porque são portadores de esperança. São os representantes da humanidade ansiosa. O mundo ou a filosofia do mundo diz: Feliz o rico, feliz o poderoso, feliz quem tem fama e prestígio, feliz quem leva vida confortável, sem problemas. Jesus propõe outro caminho: Feliz o pobre, feliz quem luta por uma vida mais humana e, por causa dela, enfrenta sofrimentos. Só entenderão este caminho de Jesus aqueles que descobriram a desumanidade da vida dos pobres e não querem que ela continue, nem a desejam para ninguém mais; ao contrário, querem outra sociedade, onde os homens não sejam mais divididos em pobres e ricos, em opressores e oprimidos, mas se relacionem como irmãos.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, convido a todos para fazermos um ato de arrependimento de nossos pecados. Reconheçamos nossas culpas e, assim, poderemos celebrar dignamente nossa missa. (Pausa para exame de vida). Confessemos os nossos pecados: P. Confesso a Deus todo-poderoso / e a vós, irmãos, / que pequei muitas vezes / por pensamentos e palavras / atos e omissões / por minha culpa / minha tão grande culpa. / E peço à Virgem Maria /

aos anjos e santos / e a vós, irmãos, que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor. S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

P. Amém.

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

5 PROCLAMAÇÃO DOS LOUVORES DE DEUS

S. Glória a Deus nas alturas, P. e paz na terra aos homens por ele amados. / Senhor Deus, Rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso: / nós vos louvamos / nós vos bendizemos / nós vos adoramos / nós vos glorificamos / nós vos damos graças por vossa imensa glória. / Senhor Jesus Cristo, filho unigênito / Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do mundo / tende piedade de nós. / Vós que tirais o pecado do mundo / acolhei a nossa súplica. / Vós que estais à direita do Pai / tende piedade de nós. / Só vós sois o Santo / só vós o Senhor / só vós o Altíssimo, Jesus Cristo, / com o Espírito Santo / na glória de Deus Pai. Amém.

6 ORAÇÃO DO DIA

S. Oremos: Ó Deus, que prometestes permanecer nos corações sinceros e retos, dai-nos, por vossa graça, viver de tal modo, que possais habitar em nosso coração. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA

 C. A 1º leitura é tirada do Livro do Profeta Jeremias (17,5-8). O Profeta Jeremias diz que segurança e felicidade do homem é confiar e esperar no Senhor.

L. Leitura do Livro do Profeta Jeremias: «Eis o que diz o Senhor: 'Maldito o homem que confia em outro homem, que da carne faz o seu apoio e cujo coração vive distante do Senhor! Assemelha-se ao cardo da charneca e nem percebe a chegada do bom tempo, habitando o solo calcinado do deserto, terra salobra em que ninguém reside. Bendito o homem que deposita confiança no Senhor e cuja esperança é o Senhor. Assemelha-se à árvore plantada perto da água, que estende as raízes para o arroio. Venha o calor, ela não temerá, e sua folhagem continuará verdejante. Não a inquieta a seca de um

ano: continua a produzir frutos'». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

Como a palavra do Senhor / é fonte de paz e salvação / seremos mensagem de amor / de esperança e de perdão.

1. Cristão é aquele que serve / e o outro torna feliz / seguindo o exemplo de Cristo / que o bem e o amor só quis. 2. A paz que Cristo deseja / constrói-se no coração / e o mundo inteiro transforma / é vida e salvação.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A 2º leitura é tirada da 1º Carta de S. Paulo aos Coríntios (15,12-16-20). S. Paulo diz que a nossa esperança é firme porque tem, como garantia, a ressurreição de Cristo.

L. Leitura da primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios: «Irmãos, se nossa mensagem é que Cristo ressuscitou, como é que alguns de vocês dizem que os mortos não vão ressuscitar? Se os mortos não ressuscitam, Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, a fé que vocês têm não vale nada; e vocês continuam perdidos em seus próprios pecados. Se é assim, os que morreram crendo em Cristo estão perdidos. Se nossa esperança em Cristo é somente para esta vida, somos as pessoas mais infelizes deste mundo. Mas a verdade é que Cristo ressuscitou; e isto é a garantia de que os que estão mortos também vão ressuscitar». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

10 ACLAMAÇÃO

 A palavra de Deus é a verdade / sua lei liberdade.

1. A lei do Senhor é perfeita: / conforto para a alma; / o testemunho do Senhor é verdadeiro, / sabedoria dos humildes.

2. Os preceitos do Senhor são justos, / alegria ao coração; / o mandamento do Senhor é reto; / esplendor para os olhos. 3. Glória ao Pai, ao Filho, ao Espírito Santo / desde agora e para sempre / ao Deus que é, que era e que vem, pelos séculos. Amém.

11 TERCEIRA LEITURA

C. A 3º leitura é tirada do Evangelho de Lucas (6,17-20-26). O homem não deve procurar sua segurança na riqueza mas no Reino de Deus, mesmo que, para isso, tenha de sofrer perseguições.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas.

P. Glória a vós, Senhor.

S. «Jesus desceu do monte e deteve-se numa planície; e com ele estavam grande número de discípulos e uma multidão de gente de toda a Judéia e de Jerusalém, do litoral de Tiro e de Sidon. Levantando os olhos sobre os discípulos ele dizia: 'Bem-aventurados vocês pobres, porque de vocês é o Reino de Deus. Bem-aventurados vocês que agora padecem fome, porque serão saciados. Bem-aventurados vocês que agora choram, porque haverão de sorrir. Bem-aventurados serão, quando os homens odiarem vocês, excomungarem, maldizerem e procreverem o nome de vocês, por causa do Filho do Homem. Alegram-se naquele dia e regozijem, pois grande será a recompensa no céu. Assim fizeram os pais deles com os profetas. Mas ai de vocês, ricos, porque já receberam o consolo. Ai de vocês que agora estão fartos, porque terão fome! Ai de vocês que agora riem, porque gerem e chorarão! Ai de vocês, quando os homens disserem bem de vocês, porque assim fizeram seus pais com os falsos profetas'. — Palavra da salvação. P. Glória a vós, Senhor.

12 PREGAÇÃO



(No fim, momentos de silêncio para reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE FÉ



Creio, Senhor, mas aumentai minha fé!

1. Eu creio em Deus Pai onipotente, / criador da terra e do Céu.
2. Creio em Jesus, nosso irmão, / verdadeiramente Homem-Deus.
3. Creio também no Espírito de amor, / grande dom que a Igreja recebeu.

14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Meus irmãos, apresentemos ao Pai nossas alegrias, sofrimentos e todas as nossas intenções; não rezemos só por nós, mas por toda a Igreja e por todos os homens:

L1. Pelo Papa, pelos bispos e por todos os padres, para que, por sua fidelidade, permaneçam dignos da vocação que receberam, rezemos ao Senhor.

L2. Por nossa comunidade, para que não seja causa de escândalo, inimizades e injustiças, mas de edificação, rezemos ao Senhor.

L3. Para que, em nosso trabalho e em nossa vida, possamos ser presença de Cristo, rezemos ao Senhor.

L4. Por aqueles que são perseguidos por causa da justiça, pelos que sofrem violência, a fim de que o sofrimento lhes seja semente de libertação, rezemos ao Senhor.

L5. Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.

S. O Deus, atendei a oração de vossos servos pelos merecimentos de Jesus Cristo, que por nós foi entregue aos

torturadores e morreu nos tormentos da cruz. Pelo mesmo nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO



1. Para que haja em nosso mundo menos dor / menos angústia, desespero e solidão / nós te ofertamos, ó Senhor, nosso consolo / nossa esperança e o desejo de união.

Tu és, Senhor, nossa paz, nossa alegria / luz que ilumina e os nossos passos guia.

2. Para que haja menos ódio e incompreensão / menos ofensa que destrói em nós a paz / te ofertamos o amor e a bondade / e o nosso gesto bem sincero de perdão.

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. O Deus, que este sacrifício nos purifique, nos renove e seja fonte de eterna recompensa para os que fazem vossa vontade, vivendo segundo o Evangelho. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

17 PREFÁCIO

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Corações ao alto.

P. O nosso coração está em Deus.

S. Demos graças ao Senhor nosso Deus.

P. É nosso dever e nossa salvação.

S. (Prefácio próprio).

P. Santo, santo, santo / Senhor Deus do universo. / O céu e a terra proclamam a vossa glória. / Hosana nas alturas! / Bendito o que vem em nome do Senhor. / Hosana nas alturas!

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(A oração eucarística cabe ao sacerdote somente; após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

P. Salvador do mundo, salvai-nos / vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição.

19 CANTO DA COMUNHÃO



Nós buscamos a vida em ti, Senhor, / pois sustentas com ela o nosso amor / e pedimos concedas cada dia / a paz que tu, somente tu nos podes dar.

1. Onde há ódio, levemos o amor / onde onde há tristeza, levemos alegria.

há ofensa, levemos o perdão / para que reine em cada coração / tua paz que é fruto do amor.

2. Onde há discórdia, levemos a união / onde há incerteza, levemos nossa fé.

3. Onde há erro, levemos a verdade /

4. Onde há angústia, levemos a esperança / onde há trevas, levemos tua luz.

5. Onde há doença, levemos o conforto / onde há fome, levemos nosso pão.

6. Onde há injustiça, levemos compreensão / onde há guerra, levemos tua paz.

20 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: O Deus, que nos reunis na mesma fé e nos alimentais com o mesmo alimento da Eucaristia, fonte da verdadeira vida, não permitais que nossa esperança seja desiludida. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém.

RITO FINAL

21 MENSAGEM PARA A VIDA



(Após as comunicações de interesse para a comunidade):

C. "Mas afinal o que é a felicidade?", pergunta a aluna, na aula de filosofia. O que é a felicidade, que o Evangelho chama de bem-aventurança? As respostas estão aí. Ser feliz não é ser rico e poderoso, não é mandar e oprimir. Ser feliz é conseguir cair fora do círculo de ferro do egoísmo. O mundo é construído nas bases do egoísmo e da competição; e o resultado todos sentimos, na violência, na exploração e na opressão, que dividem a família humana em privilegiados e espoliados, em esbanjadores e miseráveis, entre os que têm todos os direitos e os que não têm direito algum. Esse mundo terá cura? A doença é grave e antiga e o tratamento é demorado; mas o começo será certamente com a receita da solidariedade. Nas igrejas, nas comunidades, nos grupos, nas escolas, nos catecismos, começemos a recuperar a saúde de nosso mundo, forçando as relações humanas a trilharem os caminhos da solidariedade: ensinando a solidariedade, fundamentando a solidariedade, ajudando a descobrir a solidariedade, também como caminho único de nossa felicidade pessoal.

22 CANTO FINAL

Amar mais que ser amado / compreender mais que ser compreendido / servir mais que ser servido / e dar mais que receber / este será meu programa de vida.

1. Pois é dando que eu recebo / é amando que sou amado / compreendendo que sou compreendido / consolando que sou consolado.

2. Perdoando sou perdoado / ajudando sou ajudado / e morrendo a toda maldade / viverei para a vida eterna.

23 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco. P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai e Filho e Espírito Santo.

P. Amém.

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe.

P. Amém.

DEUS NÃO EXISTE COMO PROPRIEDADE DE NENHUMA IGREJA

Parece que o episódio já foi contado aqui: à cidadezinha pachorrenta e cem por cento católica do interior, chega a *Rural* da Assembléia de Deus, de alto-falantes em cima, trovejando aos quatro pontos cardeais as excelências de abandonar o caminho errado e aceitar o Cristo que estava chegando na fé verdadeira. De tão estatisticamente completo e de tão antigo no lugar, catolicismo ali já era fisiológico: desapareceria a distinção entre fé e vida ou, em outras palavras, a vida não tinha mais nada a ver com a fé e a fé não tinha mais nada a ver com a vida. Todo mundo casava e batizava na igreja. Por quê? A resposta vinha indiferente: Por que não?

O catolicismo fisiológico dava o tom naquela torcida de um time que há muito não pisava nos gramados nem sabia o que era luta ou vitória. Boa parte da população, sobretudo os jovens que estudavam fora, não o levava mais a sério; e uma das ocupações preferidas do pessoal era falar mal da vida do padre, aquele padreco!

Mas quando a *Rural* da Assembléia de Deus adentrou os arraiais da religião verdadeira, o lugarejo acordou: os ânimos receberam bombadas de sangue vivo e quente, o heroísmo católico reativou-se e a população, sobretudo a meninada, tendo à frente seu líder espiritual, defensor intransigente da pureza religiosa do rebanho, foi logo passando as mãos no chão e pegando em pedras, a fim de apedrejar os herejes e botá-los para correr.

Tal atitude intolerante e ingênua nos reintroduz no esforço para entendermos o ecumenismo. Podemos falar em dificuldades católicas para o ecumenismo, até de dificuldades nossas, de católicos brasileiros. Por tradição ou por dado estatístico, somos um país católico, assim como outros países são, por estatística, protestantes.

Para guardar a unidade católica, cafeeques e pregação nos transmitiram espírito polêmico. Fomos educados segundo catecismo antiprotestante, mesmo viven-

do os protestantes a milhares de quilômetros distante de nós. Os protestantes, apresentados como "inimigos da Igreja", adotaram comportamento hostil, visando, muitas vezes, mais à desmoralização dos católicos, de seus costumes e práticas, do que propriamente à pregação do Evangelho. A crer neles, a Bíblia foi escrita para combater os católicos, tratados por alguns como pagãos.

Assim, por formação mútua, católicos e protestantes situavam-se, face a face, como inimigos, mais próximos do espírito das cruzadas e das guerras de religião do que do espírito evangélico e ecumênico. Não se comportavam como irmãos em diálogo, à procura humilde de uma vida cristã plena, mas como conquistadores imperialistas, usando todos os meios para vencer a concorrência e ficar com a posse de Deus e das ovelhas. Resultado: Deus, como propriedade, não existe; e o rebanho, enganado, aprendeu a não dar mais bolas aos falsos pastores de ambos os lados.

É DE INTERESSE DO AMO A DOCILIDADE DO ESCRAVO

Ministro do Trabalho crê que tendência é de não haver mais greves! (O Globo 12-11-79). "Com a nova lei salarial, eu não vejo muita razão para movimentos grevistas, nem mesmo os movimentos que possam contar com apoio de pessoas estranhas ao sindicato. A tendência hoje é não termos mais greves no Brasil".

Ele acentuou que o Ministério "lamentou profundamente" a greve, especialmente porque "sabia-se que não refletia, de nenhum modo, o interesse dos operários, pois foi um movimento feito mais por pessoas não ligadas ao sindicato e que forçaram os trabalhadores a não comparecerem ao trabalho".

O que dizem nossos Bispos sobre a força que o sistema faz para prolongar-se? Vejamos a resposta nos *Subsídios para uma Política Social*: "Uma política que funciona sobre estruturas sociais injustas, para continuar a funcionar, procura manter essas mesmas estruturas. Já agora, porém, sob a pressão dos dinamismos liberados pela abertura política e pela maior organização e capacidade de luta de setores populares, as autoridades responsáveis, em vez de se anteciparem às reivindicações, a partir de uma revisão da própria política, vão capitulando ante as exigências dos setores sociais mais conscientes, mais explorados e mais organizados. Correm assim o risco de procurar comprar uma aparente paz social, ao preço de concessões cada vez mais contraditórias da lógica política".

Quem faz as Leis em um país? Aqueles que, na prática, fazem as Leis têm algum interesse em que as coisas mudem? Os operários são carneiros manobráveis de agitadores ou de pelegos? Movimento operário é o mesmo que agitação?

PASTORAL DE JUVENTUDE

A Folha: Em nossa diocese há numerosos grupos de jovens e nos jovens muito interesse pela Igreja e pela missão da Igreja. A que o senhor atribui este despertar da juventude para a Igreja e para a Fé?

Dom Adriano: Considero um fato muito positivo o interesse dos jovens pela Igreja, o desejo de participarem intensamente nos movimentos pastorais, a abertura para os problemas da Igreja no mundo de hoje, a preocupação com as vocações e as missões. Ainda recentemente, num encontro diocesano de grupos jovens, me fizeram inúmeras perguntas sobre juventude, participação, evangelização, fé, apostolado, vocações, missões, prioridades pastorais da diocese de Nova Iguaçu, testemunho de vida cristã, movimentos de Igreja, problemas da comunidade e da sociedade na Baixada Fluminense — uma riqueza notável de interesses e de preocupações, uma vontade extraordinária de participar.

A Folha: Quais poderiam ser as causas e os motivos desse fenômeno?

Dom Adriano: Em geral pode-se apresentar como causa a imagem de Igreja que paira diante dos olhos da juventude. A Igreja, na sua essência, é e será sempre a mesma. Mas suas opções e prioridades, aqui e agora, sua atuação, sua pastoral estão condicionadas à situação concreta da comunidade e da sociedade. A Igreja assumiu com mais decisão e mais coerência a causa dos pobres, dos marginalizados, identificou-se mais com o Povo, afastou-se de alianças perigosas com o poder político e econômico. Sobretudo a partir do Vaticano II assistimos a uma crescente valorização do laicato dentro da Igreja, onde se desmonta com alegria e coragem o esquema de domínio clerical. Observo que esse "desmonte" não se dá às custas do essencial, como se o clero não tivesse mais papel a desempenhar. Não. O clero continua válido, na sua missão estrita e essencial. Mas deixa de monopolizar a responsabilidade e a direção da Igre-

ja. Na força do Batismo e da Crisma, na força de sua vocação cristã, os leigos são chamados a participar eficazmente na vida interna da Igreja Católica. Os jovens sentem a mudança, vêem agora numerosas chances de participar à sua maneira juvenil, com o seu idealismo esperançoso e paciente. A imagem da Igreja mudou. E reafirmo: sem qualquer mudança na sua própria essência profunda.

A Folha: Mas os grupos jovens procuram a Fé ou participação política?

Dom Adriano: Os grupos jovens da diocese procuram em primeiro lugar os valores profundos da Fé. Por mais compreensão que mostremos para os jovens, seus impulsos e ideais, por mais abertos que sejamos, o fundamento de nossa atuação pastoral é sempre a Fé. Partimos da Fé, do Evangelho de Jesus Cristo, alimentamo-nos da Palavra de Deus e da Eucaristia, empregamos os meios tradicionais da Igreja — sempre os mesmos na sua essência: "doutrina dos apóstolos", "vida comum", "fração do pão", "oração" (cf. At 2,42) — para realizarmos nossa missão no mundo e na comunidade. Os jovens são receptivos para a mensagem libertadora do Evangelho e para a ação libertadora da Igreja. É possível explicar aos jovens que a atuação dinâmica e profunda da Igreja, isto é: sua pastoral, está numa ligação íntima e profunda com a Fé e com a graça de Deus. O que os jovens — nem nós — podemos compreender é uma vivência da Fé que se esgota na preocupação de santidade pessoal e na solução de problemas internos da Igreja, deixando o mundo e a comunidade entregues ao poder do Maligno. Os jovens compreendem muito bem o valor da Fé, desde que lhes ofereçamos pontos de inserção e chances de participação, e também desde que reconheçamos que a participação dos jovens na vida e na atuação da Igreja tem suas características próprias: é uma participação juvenil.